

“Ó DOCE PERSPICÁCIA DOS SENTIDOS”

OS SENTIDOS DO CORPO

Marlise Vaz Bridi*

Creio que a nossa primeira experiência de leitura de um poeta (ou, simplesmente, de qualquer gênero literário) seja decisiva, ao menos em grande parte, para a maneira como o veremos, senão sempre, quase sempre. Qualquer mudança de rumo demandaria um esforço e uma consciência interpretativa renovada, nem sempre empreendida. Na leitura, como na vida, nossas marcas prévias se manifestam e interferem na produção de sentido dos posteriores atos de leitura.

Minha leitura de Jorge de Sena foi inicialmente contaminada pelo leitor (crítico) que ele foi de Camões. Não considero, entretanto, que tal contaminação tenha sido perniciososa. Ao contrário, a voz do grande poeta que se pode ouvir entremeada à dicção de Jorge de Sena só faz engrandecer sua maneira de poetar, sua própria poética e visão de mundo.

Leitor sensível, aplicado e erudito, Jorge de Sena deixa reverberar em si as vozes que o habitam, sem por isso colocar qualquer sombra sobre sua poesia, que corre leve na esteira da tradição que recolhe, elege e frutifica na sua própria clave. Quer-me parecer ser essa a grande marca dos grandes criadores nas artes que, em última instância, se manifesta mesmo nas construções mais vanguardistas de todas as épocas: o novo não se constrói consistentemente senão “sobre os ombros dos gigantes” do passado, como bem nos lembra o adágio medieval retomado por Umberto Eco.

Em “Ó doce perspicácia dos sentidos”, como em muitos outros poemas de Sena, o convívio com Camões, bem como com toda a tradição da lírica ocidental que o enformou, manifesta-se em muitos planos, sem, no entanto, que se perca o viço da visão renovada. Se a forma do soneto proporciona o limite que o obriga ao rigor, é justamente nele que o poeta se apoia para, em

concisão, fazer reverberar o imaginário erótico que, em Camões e outros poetas do passado da mesma linhagem, por força de outros determinantes de época, só se podia vislumbrar.

O verso inicial, ao mesmo tempo que coloca o leitor diante de uma síntese que, em certa medida, dispensaria todos os outros versos (se isso fosse possível ou desejável!), provoca a abertura para imaginação por passos rigorosos: visão, tato, olfato e audição são de pronto mencionados e inter-relacionados já na primeira estrofe e, na segunda, o sentido faltante, o paladar, comparece, estando todos explicitamente vinculados ao sexo, ao corpo. Mais que isso, aos corpos (no plural).

Se em Camões, o desejo dava à voz lírica o que os sentidos negavam (“não tenho mais que desejar / pois em mim tenho a parte desejada”), em Sena, ao contrário, os sentidos oferecem aquilo que o desejo deseja, e, nem por isso, deixam de ser perspicazes e algo enganosos (“Vago arrepio que se escoo lépido / por sobre os corpos tão fingidios...”), pois se esvaem no tempo próprio dos próprios sentidos.

O movimento interno do soneto de Jorge de Sena é a concretização do ato desejante, composto pelas sutilezas dos sentidos, mas também do que neles se condensa de sentimentos não tão claros, pois se constelam em zonas de incerteza em que se concertam contrários (“sempre na treva tropeçando em medos / que só o olfacto os ouve definidos!”), ou ainda, “acres e secretas – ledos, / tranquilos, finos ásperos rangidos –) e que, afinal, são consequência inevitável da separação dos corpos.

Parece-me que o grande lance do poema (que, obviamente, não se esgota em uma leitura linear, posto que condensa muitas possibilidades de sentido) é o fato de o último verso do soneto – aquele que foi muitas vezes chamado de chave de ouro – ser a exata reprodução do primeiro e já comentado verso. Esse recurso poético cria a circularidade do poema, que se abre e fecha na mesma perplexidade: os sentidos, doces e perspicazes num só compasso, se são capazes de propiciar o prazer que o poema enuncia, são também a marca

de sua finitude que a própria natureza dos sentidos enfeixa. A perspicácia dos sentidos, então, é a do sujeito que os experiencia e os deixa reverberar na memória e na vida e, em termos poéticos, proporciona ao leitor a possibilidade de ultrapassar a moldura do retrato que o poema capta nas contadas palavras de um soneto.

Jorge de Sena parece-me, em “Ó doce perspicácia dos sentidos” e muitos outros de seus poemas, um dos grandes gigantes em cujos ombros a poesia portuguesa contemporânea teve a oportunidade de se apoiar para dar os passos em direção a uma nova dicção poética em que o erótico muitas vezes se explicita, elo de uma corrente de grandes poetas e poetisas em que o corpo busca se expressar erótica e afetivamente sem as peias que o passado impunham, mas, ainda e sempre, ao que parece, plenamente entumecido dos limites de nossa humanidade.

* Doutora em Literatura Portuguesa pela USP-Universidade de São Paulo, onde atua como docente e pesquisadora. Dedicou-se, presentemente, ao estudo da literatura de autoria feminina.